

pois ao menos  
depois de mortos  
servirão para acenderes o fogão e nele preparares a tua comida  
para que depois do almoço deixes crescer a barriga  
dormindo  
e arrotando de fastio

—oOo—

A Ana espalhou retratos pela casa inteira: no aparador, nas  
estantes,  
na mesa do som, nas gavetas (guardados em caixas de  
sapatos).

São retratos de irmãs, irmãos, tias velhas, cunhados, sobrinhos,  
avós, primos, amigos.

São retratos nossos, quando jovens, e não sabíamos que nos  
encontraríamos.

São retratos de formaturas, de jantares, de casamentos, de  
batizados  
— e outros são instantâneos tirados ao acaso na rua,  
na porta da casa, na praia, na varanda de um apartamento  
já antigo.

Talvez ela queira com isso diminuir a ausência  
e, assim, adiar a morte de quem está longe  
(porque raramente morre quem está perto).

Mas não há retratos que diminuam a ausência.

A ausência diminui-se por si mesma.

No começo sente-se a falta, como de uma unha quebrada,  
depois deixa de doer,  
e por fim é quase nada  
(apenas uma diferença).

Os retratos que a Ana espalhou pela casa vão-se tornando numa  
decoração de interior.

Com o tempo, eles perdem a cor.  
Eles não doem.